



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 27 - dezembro de 2021**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2021i27p1-4>

**APRESENTAÇÃO**

**MEDIAÇÕES DA ESCRITA**

A escrita é uma linguagem híbrida, que transita por diferentes mediações. A mais conhecida é a impressa, mídia do livro que foi abrigo da literatura por centenas de anos. O livro já existia antes de sua versão impressa, na forma de manuscritos que eram copiados cuidadosamente. Antes disso, o modo de mediação da literatura era a voz, abrigo dos poemas épicos dos tempos homéricos. Esses momentos inaugurais da experiência literária resultaram em períodos longos, em que cada mediação da escrita se fixou como predominante. Talvez por esse motivo, não ficava tão claro o papel transitório de cada mediação da escrita, e os modos como ela desenhava as formas do escrever em função de suas características. O texto na voz não é o mesmo texto que o do manuscrito, que não é o mesmo texto que o do livro impresso.

A consciência de que as mídias têm um papel importante no modo como as linguagens circulam pelas sociedades e culturas tornou-se mais evidente ao longo do século XX (ao mesmo tempo em que o surgimento de novas mídias foram redesenhando os processos semióticos ao longo dos anos, conforme a fotografia, o rádio, o cinema, a TV, os computadores e os celulares assumiram papéis importantes nos processos de mediação). Foram autores como Walter Benjamin, Harold Innis, Vilém Flusser, Marshall McLuhan e Eric Havelock que fizeram circular uma consciência do papel da mediação nas linguagens escritas, visuais, sonoras e audiovisuais. A mediação técnica,

portanto, tornou mais nítida a opacidade dos suportes, e como ela abre e fecha possibilidades de expressão. Esse cenário é o motivador desta edição de FronteiraZ, que reúne um dossiê sobre a escrita e a literatura em trânsito por diferentes suportes, do livro ao computador, do rádio ao celular.

*Poesia, corpo e rede na obra de Lenora de Barros*, de Marcus Vinicius Fainer Bastos e Priscila Arantes, discute questões que envolvem a autorrepresentação em contextos da poesia visual e o trânsito da arte para as redes sociais. Em *Narrativas desviantes tramadas com palavras e linhas*, de Elisabete Alfeld, duas obras de Edith Derdyk são analisadas em seu caráter de hibridismo entre o livro de artista e a instalação, que coloca diferentes materiais em interface. Christine Mello e Larissa Macêdo, em *Encruzilhadas e extremidades da língua: @biarritzzz*, arte contemporânea e redes sociais, colocam em destaque o pensamento sobre a língua como lugar desconstrutor em diálogo com a arte contemporânea, as linguagens digitais e as redes sociais. Giuliano Tosin, em *Poesia sonora no Brasil e no mundo: uma revisão atualizada*, conceitua a poesia sonora, resgatando sua relevância nas manifestações do dadaísmo às experimentações tecnológicas.

Em *Do som ao traço: o aspecto musical como processo de composição do poema*, André Luiz de Dias Freitas e Sergio Maciel Júnior pretendem demonstrar como os traços musicais constituem uma parte fundamental do processo de composição dos poemas na antiguidade. *Escrita, dramaturgia e performance em Adeus, cavalo*, de Nuno Ramos, estudo desenvolvido por Giovanna Luisa Ribeiro do Nascimento e Maria Rosa Duarte de Oliveira, apresenta a performance da escrita narrativa realizada entre o literário e suportes artísticos que redimensionam a criação do romance e questionam os lugares convencionais do autor e do leitor. *Contar e não contar: a narração no romance gráfico O Mez da Gripe*, de Valêncio Xavier, de Damásio Marques da Silva, questiona a voz narrativa diante de uma obra feita de colagens e da justaposição de materialidades diversas, o que requer um leitor participante na construção do romance. Em *Ler à luz da letra: análise grafemático-tipográfica de “MEMOS”*, de Augusto de Campos, Juliana Di Fiori Pondian e Marc Barreto Bogo revisitam a obra de Augusto de Campos à luz de novos desenvolvimentos teóricos nos estudos de linguagem dedicados à escrita, propondo uma análise do poema “MEMOS” sob novas perspectivas de leitura a partir de um estudo pautado na grafemática e na tipografia. Em *Poesia digital: passagens e articulações intersignificas*, Ângela Cristina Salgueiro Marques e Ângela Maria Salgueiro

Marques discutem a reconfiguração da poesia digital, situando-a entre linguagens e tecnologias a partir de um mapeamento que resgata as experimentações poéticas do século XX.

Em *Artéria 8: metacriação e interatividade*, Fábio Oliveira Nunes analisa as obras que compõem a oitava edição da revista experimental *Artéria*, publicação que muda os formatos e suportes a cada novo número e que, nessa oportunidade, explora as possibilidades da criação on-line. *Cultura ameríndia e natureza na poética visual de Sérgio Medeiros* é um estudo desenvolvido por Angela Guida e Sirley da Silva Rojas Oliveira sobre os poemas visuais de Sérgio Medeiro em diálogo com a cultura ameríndia, destacando na escrita dos poemas a aproximação com as artes plásticas. Em *O conceito de literatura a partir da escrita e das falas de escritores indígenas*, Rosana Cristina Zanelatto Santos envereda pelo universo da literatura indígena, apresentando sua escrita identitária e de resistência.

No ensaio *Cultura da conexão, paranoia, sociedade do cansaço e poéticas do romance como enciclopédia aberta*, Rodrigo Valverde Denubila desenvolve seus estudos sobre o romance em uma perspectiva que traz para o discurso literário uma poética que incorpora elementos extraliterários, que expandem seus limites. Na resenha de *Margens da Noite*, Alexandre Marzullo apresenta a edição bilingue (romeno-português) sobre a obra poética do poeta romeno Ion Barbu (1895-1961), texto que explora o diálogo entre poesia e matemática. Na tradução que Marcus Vinicius Fainer Bastos fez para o texto de Mark Amerika – *Para além do pensamento: um diálogo de entrelaçamentos meta-midiamísticos* –, o leitor entra em contato com uma reflexão sobre a criação entre homem e máquina.

Para encerrar esta edição, FronteiraZ apresenta duas entrevistas com escritores e artistas que tiveram suas carreiras marcadas pela experimentação com a tecnologia. Em *As inteligências criativas artificiais de Mark Amerika*, o pioneiro estadunidense da literatura digital fala sobre algumas obras que marcaram seu percurso, com ênfase nas experiências mais recentes com inteligência artificial. Em *Poesia digital: minha trajetória do ASCII à internet*, Eduardo Kac introduz aos leitores sua ampla trajetória por experiências com as mais diferentes mídias, num percurso que permite entender a própria evolução da criação em diálogo com a tecnologia.

Ao reunir os artigos, ensaios, entrevistas, resenha e tradução que compõem esta edição de Fronteiraz, a revista procura oferecer um painel amplo das mediações da escrita, com ênfase em como certas práticas da literatura experimental ampliam o

escopo do verbal, ressaltando as dimensões híbridas da palavra em suas articulações com o sonoro, o visual e os processos tecnológicos que a modulam. Os textos que compõem esta edição permitem acesso às reflexões mais recentes sobre diferentes momentos do processo de estiramento do verbal, ao longo da história da cultura, além de ampliar as reflexões sobre a escrita para territórios que assumiram importância recente diante dos esforços de descolonização da cultura, como é o caso da literatura indígena.

*Profa. Dra. Elisabete Alfeld (PUC-SP)*

*Prof. Dr. Marcus Bastos (PUC-SP)*